

GALERIA DOS ASES
EDUARDO SANTOS
DO UNIDOS



N.º 9 - 3 de Fevereiro de 1943

Stadium



1\$50

A Federação Portuguesa de Remo tem em estudo uma proposta espanhola para a repetição do campeonato peninsular na modalidade em que superintende. No ano findo, disputou-se a prova, em barcos de quatro a oito remos, no belo estuário do Mondego, na Figueira da Foz. A federação do país vizinho pretende organizar a prova deste ano em Abril, no Mediterrâneo, em Barcelona.

A escolha de data é que trás dificuldades para a representação portuguesa. Entre nós, descuram-se bastante os treinos em pleno inverno. E é na primavera que se começa a trabalhar. A data proposta corresponde, pois, a data pouco oportuna — para Portugal. Oxalá se chegue a acôrdo — por transigência mútua.

POR parte do ciclismo, encontra-se assente a renovação da ida de corredores portugueses a Espanha, nas mesmas condições. A luta far-se-á sem representação oficial do país, o que dá maior liberdade de acção quanto à escolha ou agrupamento dos corredores, e às condições características da luta. Os êxitos do ano passado foram muito lisonjeiros. Há convites animadores. E, pois, bom repetir. Convém, sobretudo, aproveitar a maré...

O ciclismo internacional vai readquirindo a sua movimentação antiga, a pesar de serem grandes as dificuldades provocadas pela guerra. Em França, por exemplo, foi já pedida autorização para a «Volta à França». A clássica prova de «L'Auton» deve voltar a ser disputada, se não com o brilho antigo, pelo menos com a animação correspondente à sua repercussão no estrangeiro.

O Campeonato Nacional de Futebol vai seguindo com o entusiasmo habitual. Semana a semana, repetem-se jornadas de grande interesse — para todo o país. E, se a supremacia é ainda da capital, a verdade é que a provincia se valoriza e anima a pouco e pouco. É assim que se faz a boa propaganda.

ATÉ agora, não se registou ainda qualquer resultado sensacional. Nenhuma das grandes equipas nacionais tropeçou, na sua marcha, perante adversário mais fraco. Mas vai aparecendo uma ou outra nota de melhoria que agrada registar, mesmo que se julgue que ele atinge maior poder de sugestão, pela força impressionante dos contrastes.

Encontram-se neste caso o comportamento do Unidos de Lisboa, perante o Sporting, e a oscillação do Unidos do Barreiro em Olhão.

O bilhar desportivo atravessa um período de grande entusiasmo. O torneio de propaganda da Federação das Sociedades de Recreio fez trabalhar toda a provincia; e constituiu um notável êxito de propaganda. O Portugal-Espanha prolonga o entusiasmo — a partir da terceira semana de Fevereiro.

Oxalá não se perca o efeito de tão larga sementeira.

Organismos oficiais

O INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AS condições especiais em que a «Stadium» tem de ser feita, com certa antecedência em parte da sua colaboração, nem sempre permitem que comentemos alguns acontecimentos na altura própria. Encontra-se neste caso a festa com que se comemorou, na Escola do Magistério Primário, o terceiro aniversário da fundação do Instituto Nacional de Educação Física. A festa realizou-se há mais de uma semana. E só agora podemos falar dela e do Instituto.

O Instituto Nacional de Educação Física veio satisfazer uma velha aspiração lusitana. A gymnástica despertara um largo movimento de entusiasmo. Era primordial a sua função na educação da mocidade portuguesa. Devia constituir a base racional de toda a actividade desportiva. Mas não havia escola ou instituição onde se formassem professores e monitores. Tudo se fazia de improviso — ou à custa de especialização dispendiosa, em escolas estrangeiras. Muitos dos professores e monitores não passavam de antigos atletas. A solução não era a melhor — em número e preparação.

Fizeram-se várias tentativas para dar ao movimento desportivo um escol de professores. Fundaram-se diversas instituições, para preencher tal falta. A Secção de Gymnástica da Escola Prática de Infancia, a Escola de Educação Física do Exército e a Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia ficaram, para a história, como iniciativas de grande oportunidade. Tudo era, porém, incompleto. A organização mais ampla, a Escola Superior que a prestimosa e patriótica Sociedade de Geografia fundou, manteve-se cerca de dez anos. Fez obra de valor. Mas era particular. Faltava-lhe cunho oficial. Não encontrou protecção bastante. E viveu em boa parte do proselitismo dos seus professores.

O Instituto Nacional de Educação Física veio, pois, suprir o que faltava e tornar oficial a preparação dos professores de Educação Física. Foi criado pelo Dr. Carneiro Pacheco, há três anos, num período em que o Estado principiou a interessar-se pelas coisas do desporto. Nêle se formam agora professores de gymnástica e monitores de gymnástica e desporto. Desempenha, por isso, uma função de notável utilidade no desporto nacional. Agrada registar que a iniciativa triunfou, que aumenta, ano a ano, o número dos diplomados e que tem já obra que justifica a sua existência e a sua projecção no futuro. Felicitando a direcção do Instituto pelo terceiro aniversário da sua fundação, desejamos, sinceramente, que a obra realizada prossiga com o mesmo entusiasmo — e com a mesma utilidade.

ANO XI — LISBOA, 3 DE FEVEREIRO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 9

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS, LDA

REDACÇÃO E ADMINIST: T. Cidadão João Gonçalves, 19 3
Telefone 51146 LISBOA

G. avura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO_PELA COMISSÃO DE CENSURA

EM toda a imprensa, tanto na diária como na desportiva, pôsse em relevo o valor da exhibição do Unidos contra o Sporting. O resultado, a vitória dos uleões, não correspondeu, em absoluto, à marcha do jogo. Mas entre o jogo das duas equipas pode na verdade ter-se feito sentir o reflexo da crise que o Sporting parece atravessar, de momento.

Não é pela fraqueza do adversário que os outros grupos melhoraram de nível. O Unidos de Lisboa parece, de facto, em franca melhoria de forma.

QUANTO ao jogo desenvolvido, em Olhão, pelo Unidos do Barreiro, o facto é digno do maior registo — não só por se tratar do grupo que saiu batido na luta, mas também pela amplitude que atingiu. Segundo as informações do nosso solicito correspondente em Faro, o Unidos fez, em Olhão, a melhor exhibição que ali se viu nos últimos anos. Enquanto teve fôlego, o grupo barreirense brilhou a grande altura. Fica sendo um título de glória para o novo campeão de Setúbal. Não venceu. Mas pode ter convencido.

O desafio que despertou maior expectativa foi o encontro Académica-Belenenses. E isso não resultou apenas de se tratar de jogo entre duas equipas que iam à frente da classificação. Resultou em grande parte de uma entrevista com afirmações infelizes. O chefe da secção de futebol da Associação Académica disse que, no campo de Santa Cruz, não passaria nenhum clube. Todos os adversários teriam de abater a sua bandeira, ali, em Santa Cruz. Não passaria ninguém. E o Belenenses passou logo... Se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro...

OS grandes clubes têm sempre a preocupação dos triunfos — em futebol. O Atlético Clube de Portugal, fusão do Carcavelinhos e do União Lisboa, merece bem a designação de grande clube. Em futebol, foi manifestamente infeliz na presente temporada. Mas vai registando excelentes vitórias noutros desportos. Em «basket», por exemplo, segue à frente do campeonato distrital, sendo, até agora, o único clube sem derrotas. Leva já três pontos de vantagem, em sete jogos. E a lei das compensações...

A sucessão das jornadas no campeonato de futebol vai revelando alguns novos jogadores. Até mesmo em grupos da provincia se apontam nomes que podem merecer a atenção do seleccionador nacional. Estavamos tentados a apontar alguns... Mas os clubes de Lisboa são por vezes insaciáveis — na caça aos elementos que se destacam. E nós não queremos prejudicar os outros clubes... Registamos por isso o facto — sem indicação de nomes...

Reservamo-lhes para fotografias. E já não é pouco — como homenagem ao labor esforçado dos que procuram triunfar.

ESPIRITO SANTO está curado E VOLTA AO FUTEBOL!

HA dois anos que deixou de aparecer nos nossos campos de desporto uma das suas mais populares figuras nos últimos anos: Guilherme Espírito Santo.

Atleta completíssimo, que o futebol consagrou, Espírito Santo teve a multidão desportiva a aplaudi-lo sem reservas, entusiasmando-se com a finura do seu jogo, com aquela habilidade que mereceu as melhores referências da crítica nacional e estrangeira.

Precisamente quando o grande avançado benfiquista estava na plena posse de todos os seus recursos, brilhando a grande altura no desporto nacional, surgiu a doença grave — a que o futebol não foi estranho — obrigando-o a despir, por largo espaço de tempo, a camisola rubra do clube a que tinha oferecido tantos dias magníficos de glória desportiva.

Na tarde em que Espírito Santo sentiu a necessidade imperiosa de se afastar das práticas desportivas, uma tristeza imensa se apossou do excelente atleta, que saboreava com suprema alegria a vida activa de um perfeito desportista. Num momento o desespero invadiu-o.

Dois anos decorreram. O desportista, mais ainda do que o homem, soube dar os exemplos de como se vence uma luta titânica, e por vezes enervante, sob a acção da enfermidade que persistira em se apoderar do organismo forte do atleta.

Dois anos passaram sem que esse jogador excepcional do futebol português voltasse ao campo atlético rodeado dos seus companheiros de equipa, sorridente nos «hurrahs» de estilo, enérgico e primoroso em todas as jogadas do desafio.

A medicina, atenta, e com carinho, ocupou-se do doente, até que há dias a notícia começou circulando no «meio» desportivo: Espírito Santo está curado e volta ao futebol!

Dois anos afastado do desporto — Saúdes do futebol

Fomos visitar Espírito Santo com o propósito de obter a confirmação da boa nova. Recebeu-nos com a amabilidade que caracteriza o correcto desportista e, com visível satisfação, garantiu-nos a veracidade da notícia que chegara à redacção da Stadium.

— Um exame completo e minucioso, como etapa final desta desagradável jornada, a que procedeu o médico que me tratou, o sr. dr. Arnaldo Rêdo, autoriza-me a dizer-lhe que não há inconveniente em voltar ao futebol — confirma-nos Espírito Santo.

— Receberam com agrado essa informação médica?

— Como pode calcular. Regosijo-me por me saber curado da doença e por poder voltar ao desporto. Há dois anos que não ponho o pé na

bola, e com os meus 23 anos é motivo para me julgar ainda com a mocidade suficiente para voltar ao «desporto-rei».

— E para quando a reparação?

— Quanto mais cedo melhor; é bom sinal. Tenho, porém, de me preparar. Forçado a abandonar toda a prática desportiva no período da minha doença, sinto agora o organismo «todo preso». Preciso, primeiro, e bem, de desenferujar toda a «máquina». Actualmente, se dou uma «corridinha», sinto logo o coração mais apressado do que quando me «lançava» nas minhas provas de atletismo. Voltarei ao treino desportivo, com início nas sessões de ginástica respiratória. Depois, umas voltas ao campo,



100, 200 metros, uma preparação cuidada e lenta, até chegar o dia em que possa brincar com a bola. De maneira alguma quero estragar o que levou tanto tempo a conseguir. No entanto, antes de terminar a época já queria estar com o organismo pronto a fazer qualquer coisa — mas absolutamente seguro de que vou bem. E isso só no princípio do verão.

— Sempre Benfica?

— Certamente. É «moléstia» que vem desde pequeno. Por todos os motivos hei-de ter regosijo imenso ao voltar a envergar a camisola aguerrida do meu grande clube.

E num desabafo sincero:

— Tenho saúdes do futebol, o desporto que especialmente me interessa.

— A sua doença foi motivada por lesão recebida em jogo violento?

— Não se pode bem determinar as causas. Foi diagnosticada como uma inflamação nas vértebras. Nós, no futebol, sofremos por vezes tanta coisa!... Mas a enfermidade foi tomando gradualmente conta do

meu organismo. Há cinco anos que sentia, por vezes, dores na região lombar.

Nesta conversa com Espírito Santo, jogador de futebol, não nos tínhamos esquecido do atleta «recordista» do salto em altura e em comprimento e do triplo salto. Perguntamos:

— Poderá voltar a praticar atletismo?

— Para o futuro tenho de moderar a minha actividade desportiva, além de que o futebol não deixa tempo para a preparação cuidada no atletismo. No entanto se as minhas possibilidades o consentirem e a saúde também, ainda tentarei aparecer numa modalidade tanto do meu agrado.

A possibilidade de Espírito Santo nos dar estas informações causava-lhe imensa satisfação. Deixou-o transparecer em toda a conversa que tivemos. Uma alma nova tomava posse do desportista.

Os substitutos de Espírito Santo no «team» do Benfica — Os novos e os velhos da equipa «encarnada» — A disciplina no desporto

A conversa prolongou-se, tanto mais que a nossa curiosidade quis saber a opinião de Espírito Santo sobre os jogadores que têm feito o seu lugar durante o seu impedimento.

— O que gostei mais de ver no meu lugar foi Rogério França, se bem que Manuel da Costa denote muita habilidade. Aos novos que ultimamente têm alinhado na minha equipa — pouco os tenho visto jogar. Jordão só o vi num jogo e ainda não assisti a nenhuma exibição de Brito. Mas gostei de ver Julinho. No entanto, para mim, Rogério França é o que mais me agrada.

«O «team» do Benfica está agora melhor do que quando eu o deixei. Defesa mais acessível mas em compensação ataca mais homogéneo.

Sobre os «velhos», os do seu tempo, o vigoroso avançado «encarnado» evita referências; no entanto recordamos a sua confiança:

— Para uma apreciação dessa natureza não podemos esquecer afeições velhas, que custa deixar. Mas dentro da equipa do Benfica ainda me agradam especialmente Albino e Gaspar Pinto, sem deixar em branco o nome do Chico Ferreira. Martins continua a ser o guarda-rêdes que inspira confiança ilimitada a um «team».

Pretendemos ainda uma opinião. Era um assunto do momento actual do desporto português que nos interessa ouvir apreciado pelo correcto e disciplinado jogador.

— A criação da Direcção Geral de Desporto é um bem para todos, jogadores e público: Deve dar resultado excelente e beneficiará muitíssimo o desporto nacional. Nós já estávamos bem precisados de um organismo de tão grande importância, com o qual o futebol deve ser a modalidade desportiva que mais vem a lucrar. Finalmente vamos ter futebol sem as cenas de violência tão habituais nos nossos campos.

Não abusámos por mais tempo da gentileza de Espírito Santo.

Stadium — accentuámos-lhe bem as nossas palavras — regosijava-se imenso com o seu restabelecimento. Esperávamos agora que em breve o felicitariamos, ao vê-lo novamente receber os aplausos da multidão desportiva que não o esqueceu ainda.

FERNANDO SA

INTERVALOS...

Tendência ou casualidade?

DO grupo da A. F. L. que em Julho de 1913 foi ao Brasil jaziam parte os três médios do Sport Lisboa e Benfica (Carlos Homem de Figueiredo, Cosme Damião e Artur José Pereira) e os avançados do Sporting Clube de Portugal, António e Francisco Stropm, Cândido Rosa Rodrigues e João Bentes.

Quere dizer: nessa época longínqua os médios «encarnados» formavam um bloco de valor incomparável e os dianteiros «leonesinos» distinguíam-se, em número e qualidade, sobre os dos restantes clubes.

No momento actual o Benfica continua a dispor de uma linha intermédia de respeito, constituída pelos «internacionais» Albino e Francisco Ferreira e por Jordão, e o Sporting conta com seis «internacionais» — nada menos... — para o compartimento ofensivo: Mourão, Peyroteo, Cruz, Pirez, Socorro e Armando Ferreira.

Como há três dezenas de anos, os melhores «médios» são os «encarnados» e os melhores avançados pertencem ao Sporting.

Simples casualidade ou tendência sem justificação aparente?

Claro que têm existido no Benfica esplendidos «forwards» (Alvaro Gaspar, Alberto Rio, Artur e Alberto Augusto, Jesus Crespo, Espírito Santo, Vitor Silva, etc.). E também os «leões» têm apresentado médios da melhor classe (Filipe dos Santos, Henrique Portela, Serra e Moura e outros).

Mas, de maneira geral, a superioridade dos «encarnados» na formação intermédia tem sido manifesta. Além dos nomes já citados, valem-brem-nos dos saúdos Carlos Sobral, «Tamanqueiros», Fernando Jesus e Fausto Peres; de Vitor Gonçalves e Cândido de Oliveira, de Vitor Hugo e Anibal José, de Gaspar Pinto e Francisco Lucas, de Raúl Baptista e Francisco Baptista, do Alvaro Pina e João de Oliveira («Bananeiras»). E até Alberto Augusto, quando jogador do Benfica, foi seleccionado como médio centro... Claro que nem todos estes jogadores começaram e terminaram a sua carreira no clube das camisolas rubras.

Eis agora uma lista de jogadores ainda não citados, que na grande maioria se revelaram na linha ofensiva do Sporting, embora, depois, alguns d'elles tenham passado a envergar camisolas diferentes: António Rosa Rodrigues («Neco»), Guilherme Morice, o alemão Schoebel, Alfredo Perdigão, Tôres Pereira, Jaime Gonçalves, Emilio Ramos («Rabigan»), Alberto Loureiro, João Francisco, Cervantes, José Manuel Martins, Mourinha, dr. Abrantes Mendes, Rogério de Sousa, Valadas...

Estes nomes, de épocas tão distintas e de gerações sucessivas, fazem acreditar que, de facto, há certa influência estranha e caprichosa que conduz os melhores médios para o Benfica e os melhores avançados para o Sporting — ou que faz com que, num e noutro, se revelem mais facilmente.

Em conclusão: juniores, «ases» em ambrão, jogadores com ambições — queiréis ser bons médios? Envergai a camisola rubra do glorioso Benfica; queiréis distinguir-vos como avançados? Ide para o campêssimo Sporting...

O Rio Sêco

prepara para a vida
centenas de crianças



A inaugurar-se neste cantinho da revista a série de reportagens que fazem parte de um conjunto denominado A OBRA SOCIAL DAS COLECTIVIDADES DE DESPORTO — teve-se em mira trazer a público o nome de alguns clubes que, pela sua acção à margem do campo desportivo, bem merecem — e muito — de quantos acompanham o movimento e por êle se interessam.

Colectividades há, disseminadas por esse país fora, para quem a obra social não é assunto de segundo plano — e tanto assim que os homens de boa vontade, a cargo dos quais estão os seus destinos, têm desenvolvido acção preponderante nesse capítulo, escrevendo com letras de ouro no livro do desporto o nome benedito das suas colectividades. Por isso «Stadium» não podia esquecer a sua missão — que é a de trazer ao conhecimento do público, quèlã ao seu reconhecimento, os nomes desses clubes — e ao mesmo tempo dar publicidade a «casos» isolados e que muita gente ignora ou de que se esquece...

Esta campanha foi idealizada nesse sentido. E com tal objectivo empreendida. A semente está lançada — restando agora — para nossa luteira satisfação, que todos compreendam o alcance da obra social das colectividades de desporto, principalmente daquelas que lutam sem desfalecimentos — com entusiasmo que supera tôdas as contrariedades — por uma idéia alevantada e útil: — a de dar aos homens um pouco de distração e à humanidade inteira um lugar à mesa do grandioso banquete que é a Vida!

Ao Rio Sêco Sporting Club — colectividade modesta e que enfileira entre aquelas a que se convencionou chamar «pobres» — cabe a honra de inaugurar esta série de reportagens.

Vai para onze anos que o clube do Rio Sêco mantém — sem quebra sequer de vontade — uma escola de instrução primária anexa à sua sede, na rua Silva Pôrto: sonho lindo que um dia alguns amigos e sócios dedicados conseguiram «pôr de pé»! Mas antes que o projecto se tornasse um facto — quantas canseiras, quantos trabalhos e sacrifícios foram precisos! Que o digam — e não há palavras que o escrevam — aquêles que meteram ombros à empresa...

Têm de que orgulhar-se os iniciadores da obra. E hoje, ao lerem estas linhas, devem rejubilar e «sentir» a sua acção — melhor do que ninguém! Quanto ao pago deram-lho já as centenas de crianças que aprenderam na escola do Rio Sêco as virtudes que devem ser apandgio das gentes de carácter...

A idéia da criação da escola «nasceu» de uma simples conversa...

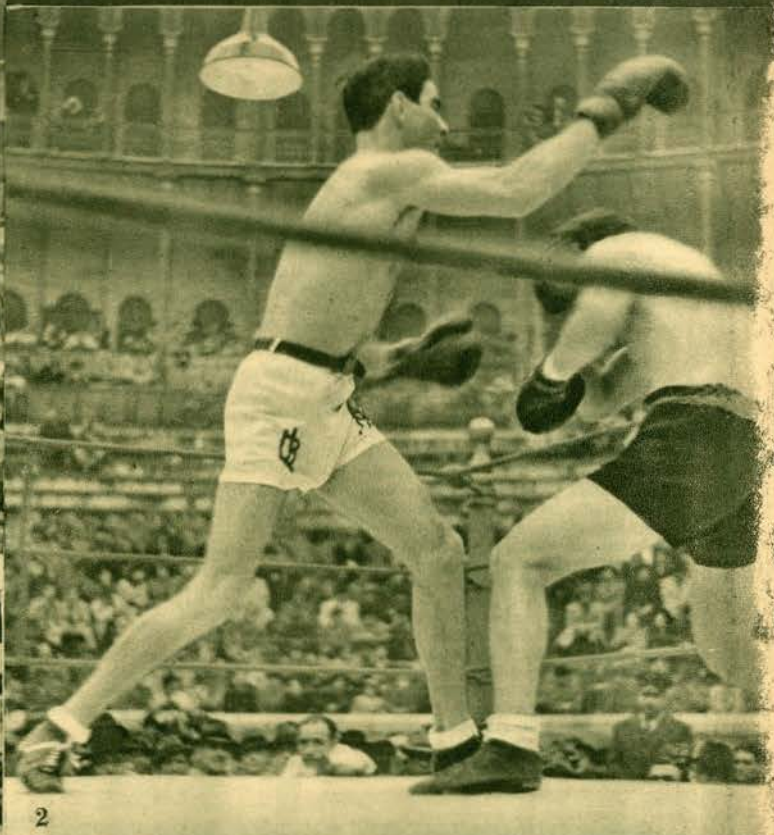
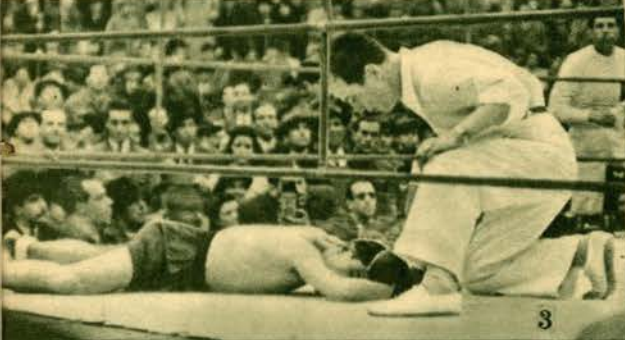
A's vezes, das banalidades nascem grandes obras — e assim succedeu com a do Rio Sêco!

(fotos Ismael)

(Continua na pág. 14)



BOXING NO CAMPO PEQUENO



2

3

ASPECTOS DA SESSÃO INTERNACIONAL DE DOMINGO

1. Peter Ros cai para a conta fatal! 2. Beni Levi nunca perde a ocasião de atacar... 3. O impressionante K-O de Branco. 4. Levi voltou para ver o seu companheiro Larzén... 5. Um espectador habitual: o sr. tenente António Cardoso, da D. G. D. 6. O entusiasmo da assistência manifesta-se nesta foto. 7. Fase do combate Larzén-Isidro Perez



OUTRORA, os jornalistas desportivos mereciam das direcções dos clubes e associações desvelada atenção. Nunca se notou, da parte dos directores de qualquer clube ou associação, pouca atenção para quem escreve.

Hoje, verifica-se, com certa frequência, que não há para a Imprensa o carinho que ela merece, pelo muito que faz, não só em prol do desporto, como até em reclamações gratuitos aos clubes.

Assim, grande parte das vezes, os jornalistas que trabalham nos campos de futebol — nestes especialmente — não têm um simples e rústico banco para se sentarem, trabalhando de pé, em posição incómoda, muitas vezes com uma centena de pessoas que, a título de qualquer coisa, fazem espaldar das costas dos jornalistas.

Já em tempos houve a promessa de se vedarem convenientemente os lugares destinados aos serviços da imprensa nos campos desportivos. Mas essa promessa não passou do papel...

Ora parece não ser assim uma exigência descabida, se lembrarmos aos clubes que a colocação de simples cadeiras ou bancos nos lugares da imprensa, representa, além de atenção por quem trabalha, a demonstração de simpatia por aqueles a quem os agrupamentos tanto devem.

Outro caso curioso é aquele em que a direcção de um clube proíbe, terminantemente, lá porque certa crítica não lhe agradou, a presença do *wreporter* desse jornal no camarote da Imprensa, ou em qualquer outra parte, esquecendo que esse jornalista possui um livre-transito concedido por uma entidade superior.

Stadium na Capital do Norte

É certo também que a forma abusiva com se distribuem os cartões de livre-transito determinam sanções rigorosas por parte dos clubes e das associações. Mas isto é caso para tratar mais tarde — e com quem de direito.

Desde há anos foram cerceadas as regalias que os jornais disfrutavam perante a A. F. P., por imposição de uma assembleia geral que resolveu atribuir redução número de cartões aos jornais. Escusado será dizer que os mais prejudicados foram as publicações de fora do Porto, que se vêem e desejam para poderem cumprir totalmente a sua missão.

Repetimos: isto é assunto para depois, ao qual voltaremos em breve.

FLOREANO BASTO

Morreu JOÃO FERRARIA

Foi há dias. Sabíamos-lo doente, mas longe estávamos de julgar para tão breve a morte deste atleta portuense — uma das glórias do atletismo nacional.

João Ferraria era um simples. Poucas vezes nos terá custado tanto ao escrever sobre a morte de um

desportista, como nos sucede agora com a dèste jòvem, tão delicado, de sentimentos puros, com lhaneza de trato que só lhe conquistava simpatias. Éramos amigos, e, por isso, mais sentimos a sua morte.

Desde há meses que o não víamos. Ignorávamos até que o seu estado tinha atingido tão elevado grau de acuidade. Batalhador incansável, desportista correcto, atleta lealíssimo, João Ferraria era um «cartaz» em qualquer competição em que se apresentasse. Já não compareceu nos últimos «nacionais». O seu estado de saúde não lho permitiu.

«Recordman» nacional dos 400, 800 e 1.000 metros, afirmou-se pelo seu esforço, pela sua dedicação, pelo seu desejo de perfeição.

Justo será que o Académico, o seu clube, não o esqueça. Que se faça alguma coisa a recordar aos vindouros que existiu um homem, um desportista, chamado João Ferraria, que foi, durante anos, o ídolo da gente portuense nos torneios atléticos. Uma lápida, um nome, um símbolo...

M. A.

COMENTANDO...

Saúde, Educação Física e Desportos

HÁ quem não tenha ainda pensado maduramente na íntima relação que existe entre a saúde, a educação física e os desportos.

Se uma é a base indispensável para a existência das outras, estas outras, por sua vez, são um meio para que a primeira exista.

E assim teremos constituída uma triologia curiosa, servindo de corolário racional e lógico e um axioma que, é, indubitavelmente, um dogma para todos aqueles que se preocupam com a existência de uma juventude forte e sã; a causa do revigoramento da raça é a resultante que advém da boa concepção e do progresso registado em cada uma das partes constitutivas dèste todo: saúde, educação física e desportos.

Manter a saúde, garantir ao corpo a sua vitalidade isenta de enfermidades, corrigir as deformações físicas resultantes de trabalho intenso ou de labor mal orientado, são condições indispensáveis a todo o ser humano.

Desta maneira teremos a educação física a desempenhar o seu importantíssimo papel, servindo a saúde, proporcionando-lhe os meios para se defender, para reagir e debelar os males. A educação física tem por base a gymnástica, poderoso meio pelo qual todos os músculos do corpo são postos em acção, se combate a adiposidade, a inércia de certos órgãos imobilizados pelo uso de uma ou outra profissão, ou exageradamente desenvolvidos em detrimento de outros condenados ao estiolamento, mais ou menos certo, mais ou menos precoce.

Vêm, depois, a seguir à educação física, os desportos, dos quais ela é a base. Não pode haver desportos nem desportistas sem cultura física intensa e adequada, sem saúde perfeita e integral. Não se pode separar uma da outra. Indissolvelmente ligadas, a sua decomposição ou dissociação implicará o aniquilamento de uma e o enfraquecimento da outra.

Os desportos são a vida sã, a vida ao ar livre, os jogos, as corridas, o prazer de viver com uma alegre disposição de espírito causada por uma boa disposição do corpo.

Quem se arriscar a praticar qualquer desporto sem dispor de boa saúde e de preparação física cuidada e metódica, condena-se, automaticamente, à morte, ou, pelo menos, à depauperação do organismo.

Que todo o atleta medite nestas palavras e mais ainda: que os excessos, os desregramentos na sua vida íntima, a desobediência aos preceitos de higiene são outros tantos atentados à sua saúde, ou seja à Vida.

MÁRIO AFONSO

GAZETILHA

Andou a «roda»!!!

Eu não sei por que razão há gente com tanta sorte... Que até dum simples cupão um rapaz corte e recorte e dêle faça... um dinheirão!

Seis contos! É bem bonito ver a sorte a bafejar! Mas o que eu acho esquisito é que passem... a ucheirarem tantos mais: número infinito...

Luiz Saias... é de Olhão (e, por isso, é que aviuas bem!) Mas não avia! Ah! Isso, não! Se não fosse haver também a «confusão» Cruz-Mourão...

...e o tal «goal» invalidado! É verdade, é mesmo certo: — Guardado, 'stá o bocado para quem fôr tão esperto como este... ajornado!

Viva a sorte! Coisa linda (mesmo linda de encantar), e que é sempre benvida. Concuristas — é tentar... ...que a «sorte» 'stá na berlinda!

ZÉCAS TLAO

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ESGRIMA

A Federação Portuguesa de Esgrima fará disputar neste mês os torneios de categoria de Florete, após o que se efectuará o campeonato nacional da mesma arma.

As salas devem remeter à F. P. E., com a maior urgência, a indicação das datas que necessitam para as provas de sua organização.

BICICLETAS?

«FLECHA»
«FLECHA»
só «FLECHA»

ESCU TAI

ROMA

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7,50	Noticiário	{ 2 RO 21	19,92	15060
		{ 2 RO 4	25,40	11810
12,20	Comunicado de guerra	{ 2 RO 17	15,31	19590
		{ 2 RO 8	16,84	17820
14,10	Noticiário	{ 2 RO 6	19,61	15300
		{ 2 RO 11	41,55	7220
17,00	Noticiário	{ 2 RO 22	25,10	11950
		{ 2 RO 17	15,31	19590
21,50	Noticiário	{ 2 RO 66	19,61	15300
		{ 2 RO 22	25,10	11950
		{ 2 RO 18	30,74	9760
		{ 2 RO 3	31,15	9630
		{ 2 RO 22	25,10	11950
24,00	Noticiário	{ 2 RO 22	25,10	11950
		{ 2 RO 19	29,04	10330
		{ 2 RO 18	30,74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,10	aos domingos	39,80
21,20	às quartas-feiras	31,41

A CANOAGEM DESPORTIVA

o que é e como se pratica

EMBORA desconhecida do grande público e pouco praticada entre nós, a «canoagem» é uma modalidade desportiva interessante e útil sob diversos aspectos, proporcionando a quem a pratica momentos de alegria e bem-estar, já pelo exercício físico prômimo dito, já pelo permanente contacto com a natureza.

Pouco praticada entre nós — dis-

— Eu já a praticava há quatro anos, no Tejo e no Sado. No verão de 1941 fiz, com os meus próprios recursos, o percurso Tomar-Lisboa.

A notícia veio a público em um matutino da capital e o sr. comandante Soares de Oliveira — ilustre director dos serviços de instrução náutica — que pensava alargar o âmbito das actividades náuticas, disse-me que lhe fornecesse ele-

físico — na sua essência impulsivar um pequeno barco individual com remada igual à usada nos chamados «charutos». E se por este facto não é exercício completo, pois as pernas vão imóveis, as frequentes marchas que fazemos compensam bem este pormenor. Depois, obriga a qualidades morais: auto-domínio, decisão, sangue-frio... «Para transportar certas passagens acidentadas dos rios, é necessário — disse um francês que conhecia bem a modalidade — possuir um «brevet» de coragem.

«Proporciona a vida ao ar livre, o contacto directo com a natureza. Exige que todos os seus praticantes sejam bons nadadores.

Ministra-se instrução de canoagem pela primeira vez em Portugal

— Que actividade já desenvolveu, sr. Prista e Silva?

— Por ora, apenas um curso, durante o ano lectivo passado, nas férias da Páscoa. Seis filiados, cinco de Lisboa e um de Tomar, receberam, pela primeira vez, instrução de canoagem. Foi o curso de iniciação. Ensinaram-se as primeiras noções. E mais se não pôde fazer por falta de meios...

Projecta-se...

— Que actividade tenciona desenvolver no futuro?

— Tenciono desenvolver grande actividade nas próximas férias da



Os primeiros filiados da «M. P.» que receberam instrução de canoagem no nosso país. Ao centro, Prista e Silva, instrutor da modalidade

semas. Mas a «Mocidade Portuguesa» incluiu-a já no número das suas actividades desportivas.

O que é a canoagem? Como se pratica, onde e que utilidade tem?

É o que o leitor vai saber, através da conversa que tivemos com o sr. Henrique Prista e Silva, nosso prezado amigo e instrutor de canoagem da «M. P.».

A primeira pergunta tinha de ser, fatalmente, esta:

— Em que consiste a canoagem?

— Na navegação em canoa. É interessante explicar que há dois tipos de canoas — a canadiana e a esquimó ou «Kaiak», palavra que significa em língua esquimó: barco para uma só pessoa.

A canoagem desportiva pratica-se nos rios mais ou menos acidentados.

Tem — e nisso está uma das suas características — de ser conjugada com o campismo. Explica-se: os rios mais utilizáveis são, em regra, em sítios solitários, e isso obriga ao «camping».

A «M. P.» adopta a canoagem

— Como começou a canoagem a fazer parte das actividades da «M. P.»?



Procedendo à ermação de canoas

mentos, a fim de elucidar o sr. Comissário Nacional e propor a criação da modalidade dentro da «M. P.».

Como o sr. doutor Marcelo Caetano aprovasse inteiramente a ideia, a canoagem passou a fazer



Numa passagem difícil do Nebão

parte das actividades da «M. P.», e eu fui nomeado instrutor.

Vantagens da canoagem

O sr. Prista e Silva prossegue: — Primeiramente, a canoagem oferece as vantagens do exercício

Páscoa e férias grandes. Organizar um curso maior e mais completo. O problema relativo à construção dos barcos está, felizmente, em vias de solução. Conseguidas as canoas em número suficiente, a modalidade desenvolver-se-á. O número de adeptos aumenta e o entusiasmo dos rapazes é grande!

*

Estava dito o suficiente. A conversa com o instrutor Prista e Silva acaba, pois, aqui. Oxalá que o leitor crie, na primeira oportunidade, o desejo de cortar as águas de um aprazível rio. Não se arrependará, mesmo que reme contra a corrente...

ABREU TORRES

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19\$50
6 » » 39\$00
12 » » 78\$00

O Concurso do «Goal da Vitória»

UM ALUNO DO LICEU DE CAMÕES GANHOU O PRIMEIRO PRÉMIO DE SEIS CONTOS

TEMOS o prazer de apresentar o concorrente que primeiro soube conquistar um prémio avultado — de seis mil escudos — em virtude de ter acertado com todos — com todos, hein!, reparem bem — com todos os marcadores dos «goals da vitória» no boletim que nos enviou com vista aos encontros da terceira jornada do campeonato nacional, disputada em 24 de Janeiro.

Chama-se, o felizardo, Luís Silvério Saias. É filho do industrial conserveiro sr. Luís Gonçalves Saias. Tem 18 anos de idade, nasceu em Olhão e frequenta, presentemente, o 7.º ano de Letras do Liceu de Camões.

Fomos surpreendê-lo no intervalo de duas aulas. Focou-o, e aos seus companheiros (entre os quais figuram outros concorrentes do nosso concurso), a objectiva da Stadium.

Não pôde disfarçar a sua alegria, tão justificada sob o aspecto material, como pela circunstância de ter sido o primeiro a vencer num concurso tão concorrido como o nosso. É um duplo motivo de natural orgulho. Sempre ficam satisfeitos o espírito... e a bôlsa...

Disse-nos que é sócio e adepto convicto do Olhanense, em cujo campo se entretinha a dar pontapés na bola. Mas nos desafios, sem serem oficiais, em que tomou parte, mesmo quando obtinha o triunfo do seu grupo, nunca marcou um «goal da vitória» tão significativo como este...

Há quatro meses que veio para Lisboa, a fim de terminar o curso liceal e ingressar, depois, na Faculdade.

Dos clubes de Lisboa, simpatiza com todos os que se portam correctamente quando visitam a sua terra, mas o Sporting é, talvez, o que lhe merece maior admiração.

Falando-nos do seu «triunfo pessoal» no nosso atraente e popularizado concurso, frisou, como curiosidade, que teria «perdido os seis mil escudos — ou teria deixado de os ganhar... — se o último «goal» do Sporting tem sido marcado por Mourão e não por Cruz (como muita gente supôs e nós, erradamente, o pensámos) e se não tem sido invalidado, por carga ao guarda rédes, uma sexta bola que o seu clube, o Olhanense, marcou contra o Unidos do Barreiro.

Esta anulação, por carga ilegítima — acrescenta — não fez diferença nenhuma ao grupo da sua adoração e a êle fez-lhe um grande jeito... Sempre são seis contos... O leitor que ponha o caso em si...

Até agora nunca concorrera a qualquer concurso. Mesmo o da nossa revista só se lembrou de experimentar-lo na jornada em que triunfou em absoluto... Em boa hora o fez...

Confia em que não ficará por aqui... Não nos admirar...

De resto, agora pode dizer-se com propriedade: o concorrente que tão bem previu os vencedores e os nomes dos marcadores dos «goals da vitória» — é de Olhão!...

A VITÓRIA DA ACADÉMICA

veio dar mais interêsse ao
Campeonato Nacional de Futebol



2



6



7

1. Um "cacho" em que podem notar-se Peyroteo, Octaviano e Oliveira: os estudantes e um "leão"!
2. Lemos marca o terceiro "goal" dos estudantes.
3. A equipa da Associação Académica, brilhante vencedora dos campeonatos de Lisboa.
4. Peyroteo lança o "shoot" em bom estilo mas Acácio, atento, vai defender.
5. Um belo salto de Armando... às costas de Paciência!
6. Boa estirada de Martins — o herói do "match" do Barreiro.
7. A entrada decidida de Leonel, com Eduardo Santos também apetrechado para a defesa, impede o caminho a Gilberto.
8. Jogada movimentada junto às balizas do Unidos. Vêem-se na grama: Leonel, Gilberto, Marques, Brito,



A surpresa por que se esperava neste torneio deu-se, afinal, na quarta jornada. E forneceu-a o Sporting — que em face da Académica deixou fugir dois pontos preciosíssimos e que convinha não perder.

Como o Belenenses e o Benfica triunfaram, segue-se que os dois continuaram à frente da classificação, tendo-se distanciado mais do campeão de Lisboa.

A Académica beneficiou, claro está, do triunfo alcançado no Lumiar, ultrapassando até o Sporting e aproximando-se mais dos *leaders*.

Veja-se como ficou a tabela de resultados:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Belenenses	4	4	—	—	22-2	8
Benfica	4	4	—	—	25-7	8
Académica	4	3	—	—	21-12	6
Sporting	4	2	1	1	12-11	5
Porto	4	2	1	1	9-8	5
Olhanense	4	1	1	2	7-5	3
Unidos	4	1	—	3	14-12	2
Leixões (*)	3	—	1	2	2-12	1
Vitória (*)	3	—	—	3	5-24	—
Unidos (Bar.)	4	—	—	4	8-24	—

(*) — Tem um jogo em atraso.

Parabéns a Coimbra

As honras da jornada vão inteirinhas para o «team» da Académica.

Depois da derrota consentida no domingo anterior, em Santa Cruz, não era lícito esperar-se que os campeões de Coimbra viessem ganhar a Lisboa a um dos três «grandes».

Mas como em futebol tudo é possível, a vitória dos estudantes — que deve, contudo, festejar-se como realmente merece — não pode causar estranheza a ninguém. Nem mesmo ao Sporting...

A causa mais directa da derrota dos «deuses» foi o mau jogo dos seus «halves». Aparte Canário — que por vezes deu a impressão de «querer jogar» — os outros estiveram longe de cumprir. E bem longe! Claro que, nestas circunstâncias, o «team» tinha de ressentir-se.

Sucedeu ainda que a defesa também não esteve nos seus dias afortunados (Marques, sozinho, não chegou para tudo; e Azevedo foi infeliz nalguns lances) e que os «forwards» raro se entenderam, dando-nos até uma deplorável «sensação de inferioridade» perante a rudeza dos médios conimbricenses.

A Académica lutou com entusiasmo e mereceu bem o triunfo. Teve, é certo, sorte na defesa — mas em futebol o factor «chance» também conta... Vasco ia comprometendo o «team» por duas ou três vezes — mas safou-se com felicidade. Tanto bastou para dar ânimo aos companheiros e provocar desalento nos «deuses», um desalento com «aparência» demasiada e que não se compreende num «team» com as responsabilidades do Sporting.

Pecha antiga...

Tem a crítica assinalado vezes sem conta a pecha (já antiga!) dos nossos jogadores em levantarem a bola em circunstâncias que a própria prática não aconselha. Mas isso não serve de nada — porque se teima nesse sistema, mesmo quando as condições atmosféricas não o permitem! E neste desafio jogou-se muito «pelo ar», apesar de haver vento forte...

O Sporting insistiu no jogo por alto — e sofreu-lhe as consequências. Com a Académica não sucedeu isso tantas vezes, pois em especial os avançados (Alberto Gomes, principalmente) procuraram



FUTEBOL

A DERROTA DO SPORTING

primeira «surpresa» do Campeonato Nacional

Comentários sobre a 4.ª jornada

baixar o jogo sempre que puderam.

Um jogo como muitos

O «match» teve alguns períodos de interesse — mas na generalidade decorreu sem grandes motivos para entusiasmos. A tarde estava feia. O público era pouco. E a disposição dos jogadores também não parecia ser a melhor...

Em suma: um jogo como há muitos, sem nada de extraordinário. Nem mesmo a derrota do Sporting, que embora possa apontar-se como a primeira surpresa do torneio, não causou estranheza a quantos viram o encontro. Para nós, foi até naturalíssima — atendendo a que os «deuses» fizeram um jogo aquém das suas possibilidades.

Chegou-se a pensar no empate, quando o Sporting passou de 0-3 para 2-3. E um pouco antes disso — quando o árbitro decidiu anular uma situação de «goal» feito! Mas depois a Académica voltou ao comando das operações; e como os «deuses» cediam cada vez mais, o último «goal» (um «goal» de pura «chance» — dado por Paciência a Micael) aceita-se facilmente.

Podia ter-se ficado em 3-2; podia mesmo ter sido empate. Mas a vitória dos estudantes foi o remate lógico deste jogo do Lumiar — em que o Sporting fez tudo quanto era preciso para não ganhar...

O «match» em relance

A Académica não impressionou. Nem bem. Nem mal. Foi apenas um «team» que jogou mais que o adversário — principalmente no ataque. Alberto Gomes distinguuiu-se, mostrando a sua excelente classe de jogador. A linha média impôs-se aos dianteiros do Sporting, em dia de fraca inspiração. E à defesa safou-se com felicidade.

Quando ao Sporting — desiludiu. Um jogo em que as coisas não correram de feição, por culpa própria. Azevedo teve deslizes — e o segundo «goal» (de Micael) só foi possível por falta de atenção sua. No último, também de Micael, foi batido sem apêlo pois estava desamparado. E no que abriu a série viu-se igualmente desajudado; mas podia ter-se feito ao lance, procurando estorvar Alberto Gomes.

Os dois «goals» do Sporting e o terceiro dos «académicos» — de Leiros — foram as melhores coisas do desafio. A insistência de Peyroteo e Mourão, no primeiro, abrindo depois caminho para Soeiro dar o pontapé de misericórdia — mereceu bem o prémio; e, no segundo, foi excelente de oportunidade a «viragem» de Peyroteo.

Dois «goals» de Rafael

É certo que as nossas equipas poucas vezes mantêm regularidade de seqüência nas suas exhibições.

Assim aconteceu mesmo às melhores, àquelas que, normalmente, nos habituamos a ver jogar bem.

Os unidistas, que oito dias antes tinham tido excelente jornada — e podiam mesmo ganhar ao Sporting, como a crítica referiu — não repetiram a sua boa exibição contra o Belenenses. Estiveram realmente bem no ataque, mas sem a sensação de perigo que haviam dado uma semana antes.

No primeiro tempo jogou-se futebol de melhor qualidade; não da melhor qualidade! O Belenenses, a lutar contra o vento, remeteu-se a uma tática defensiva decerto concebida — procurando impedir que o Unidos concretizasse a aparente vantagem territorial, de que disfrutou por favor da forte ventania que açoitava o campo e em parte devido também à má tarde de Simões. Anular quanto possível as ocasiões de remate e reduzir ao mínimo as probabilidades de êxito nas cercanias da baliza — eis o jogo dos «azules» até o intervalo, sem, contudo, descuidarem o ataque.

Mas apesar de ter tido maior número de oportunidades (Gralho esteve na brecha!) o Unidos não conseguiu mais que uma bola devolvida pela barra. Foi ainda assim o Belenenses mais perigoso no capítulo ofensivo, em especial no quarto de hora que antecedeu o intervalo: nesse período fez Rafael o primeiro «goal», em conclusão dum «raid» até Eduardo Santos.

As características do «match» modificaram-se totalmente na segunda parte, porque o Belenenses (então com vento pelas costas) passou decidido ao ataque, obrigando a defesa do Unidos — com o reforço do ex-alcantareense Vergílio — a trabalho aturado e esgotante.

Quere dizer: o Unidos «viu-se e desejou-se» (mais que o Belenenses, no período anterior) mas saiu-se bem da luta, porque apenas consentiu mais um «goal» — também da autoria de Rafael.

Martins em evidência

O Benfica obteve terceiro triunfo consecutivo pela diferença mínima — e ainda desta vez sem «qualidade» de jogo que justifique a vitória.

A sua exibição foi medíocre — mas valeu pelos dois pontos alcançados — enquanto os campeões de Setúbal, lutando embora com tenacidade, não puderam, mesmo na sua primeira jornada «em casa», fazer mais que impedir ao máximo a vitória dos lisboetas.

E neste jogo os barreirenses mereciam realmente mais...

Ao Unidos do Barreiro — um «team» interessante, com sentido de futebol vistoso e agradável — falta-lhe ainda a experiência, o «calor» (permita-se-nos o termo) que só pode vir a ter mercê de con-

tacto permanente com equipas de plano superior.

«Sente-se» que a equipa «quer» fazer jogo — delineando, em conjunto, jogadas de aprêço — mas a maior parte dos seus elementos carece ainda de decisão rápida nos lances próprios e de remate na ocasião oportuna.

João da Palma pode apontar-se como exemplo: tem habilidade, vê-se que é jogador, mas «perde-se» por querer aproveitar tudo... E neste jogo, ao que parece, foi demasiadamente pessoal...

Ao Benfica valeu a decisão de Martins nalguns lances de apêro. Porque, em verdade, o Unidos foi sempre mais perigoso ao ataque — e o «keeper» lisboeta nunca esteve sosegado...

Dois «goals» ao fim do primeiro quarto de hora (Brito e Teixeira) devem ter dado poucos cuidados aos visitantes. E com êsse resultado se chegou ao intervalo.

No segundo tempo o Unidos diminuiu a diferença por intermédio de José Luis — e então o Benfica teve de prestar mais atenção ao jogo. Entretanto, Valadas deu novo alento com um «goal» de pontapé portentoso.

Mas os barreirenses não se haviam rendido ainda; e no quarto de hora derradeiro assistiu-se ao período de mais emoção do jogo. José Luis fez segundo «goal» para o Unidos — que terminou jogando ao ataque, jogando bem ao ataque.

Era, porém, tarde — porque o Benfica soube «segurar» o triunfo e garantir assim dois pontos preciosos.

«Keeper» improvisado

Ao F. C. Porto sucedeu um precalço logo no primeiro minuto: Valongo magoou-se numa entrada a Costa e inutilizou-se para o resto do jogo. Anjos substituiu-o.

Com dez homens durante todo o tempo — os campeões do Porto foram forçados a trabalho duplo e esgotante, tanto mais que o campo estava em péssimas condições e os algarvios não deram tréguas...

Por isso mesmo a vitória tem mais valor — pois que embora conquistada pela tangente foi difícil de conseguir. Somente na segunda parte (com o Olhanense a jogar menos) é que o F. C. Porto pôde criar mais perigo; mas mesmo assim e apesar de demonstrar superioridade, a tarefa não esteve facilitada.

Jogou-se no Porto sob um temporal desfeito e debaixo de chuva constante; logo, o encontro não podia ter (como afinal não teve) atractivos de espécie alguma. Houve dificuldade em «controlar» a bola — que açoitada pela forte ventania fugia aos jogadores em direcções diferentes — e, claro, só a espaços se verificavam reacções.

Correia Dias marcou os dois primeiros «goals» do Porto e Araújo aquele que conferiu o triunfo ao «team». Salvador e Santos (êste de «penalty») foram autores dos pontos dos olhanenses.

*

O jogo de Guimarães (entre o Vitória local e o Leixões, do Porto) durou apenas a primeira parte, período em que os campeões do Minho marcaram dois «goals» sem resposta.

Devido ao mau tempo — pelos vistos, no norte, houve no domingo um verdadeiro ciclone — o jogo foi interrompido antes da segunda parte.

PEDRO DE MONTALVO

ESPERAVA-SE realmente algo mais de Peter Ros, que as trombetas da publicidade proclamaram como grande campeão de «boxing»! E chegou-se mesmo a atribuir-lhe uma «tirada» famosa: — Venci todos os espanhóis que Levi defrontou! E agora, vamos a ver esse fenómeno...

Final o «fenómeno» derrubou-o mais depressa do que se esperaria! E sem discussão...

Mas quem é, realmente, esse Peter Ros que vimos no Campo Pequeno, ao fim da tarde fria e triste de domingo? Um homem de trinta e poucos anos, a quem a experiência de 454 combates deve ter ensinado que isto de «dar o corpo ao manifesto» não é nada agradável! E sobretudo quando o dia ameaça chuva e se tem pela frente um rapaz fogoso, todo nervos e que parece querer «acabar» depressa... Só assim se explica que o espanhol não tivesse sequer demonstrado um pouquinho da sua capacidade, não tivesse tido mesmo tempo para desenvolver as suas faculdades — que devem ser mais do que «aquilo» (bem pouco!) que se viu.

E mais uma vez Beni Levi provou aos seus inúmeros adeptos que não sobe ao «ring» na disposição de espectador! A calma deste rapaz impressiona; é um atleta que sabe aproveitar bem as oportunidades para tirar delas o melhor partido. Em suma: um triunfo mais, de muito valor internacional pelo nome do adversário.

A sessão não agradou. Nem o programa era de molde a interessar grandemente. Um «match» só de categoria (por muito que isso custe à organização) não é suficiente para «chamar» público —

«BOXING» NO CAMPÔ PEQUENO

A última vitória de BENI LEVI

Um campeão que continua a colleccionar triunfos...

tanto mais que se lhe dava um mau «aperitivo», com três preliminares sem importância! E o espectador que paga — e tem pago bem... — merece realmente mais.

Comêço pouco animador

Principiou o espectáculo pelo «match» Domingos Figueiredo (61,550)-António Mateus (62,400). Dois bons rapazes — que já se haviam digladiado. Logo: encontro sem interesse. E é que o não teve mesmo...

Foram oito «rounds» como há muitos! Figueiredo — mais sábedor — ganhou por pontos. Arbitrou o sr. Aluizio Falcão.

K-O impressionante

Luís Eugénio («Xanga») e António Branco prepararam-se para a luta a seguir. Pesagem: «Xanga» (55,400) e Branco (54,800).

Combate estabelecido para oito «rounds» — mas que não chegou ao terceiro...

Um primeiro assalto vulgar, em que Branco procurou «desconcertar» o antagonista. Mas no seguinte o moçambicano «acelerou» e numa boa série pôs termo à luta! Branco, tocado rudemente, tombou para o K-O. Salvou-o o «gong» — mas o castigo era de tal ordem que o rapaz foi conduzido para o seu canto sem dar acôrdo.

No terceiro «round» o árbitro, sr. Carlos Lopes, só teve o trabalho de contar (com Branco ainda desmaiado) até «out». Só segundos depois é que Branco voltou a si... mas então estava já batido por K-O técnico — um K-O impressionante, e, parece-me, o primeiro que o brioso e valente pugilista registou na sua carreira.

...e outro K-O mais!

Beni Levi (63,200) e Peter Ros (65,800) disputaram o terceiro «match», sob as vistas do sr. Xavier de Araújo.

Estabelece-se que o combate duraria dez «rounds». Mas como nisto do «boxing» nunca podem prever-se limites — soube-se apenas que em menos de quatro assaltos o espanhol estava «liquidado». E bem batido, diga-se, porque na verdade Levi «tocou-o» muitíssimo bem, na altura precisa e no «sitio» próprio...

O primeiro «round» foi (como quasi sempre sucede) de estudo de possibilidades: medição da distância e outras pequeninas coisas que os «boxeurs» costumam fazer para «prepararem-se». Mas já no segundo o aspecto da luta mudou: Beni foi ao ataque e com séries de «querquidos» obrigou Peter Ros a «mostrar-se!» «Round» de Levi. No terceiro o nosso campeão prosseguiu na ofensiva, apesar de melhores «respostas» do espanhol. Houve aparente equilíbrio de forças — e nada que fizesse prever o desfecho próximo! E veio então o quarto «round», no qual o moçambicano obrigou Peter Ros a «levantar a guarda» — para depois desfechar o golpe fatal: um rude sóco ao baço, que acertou em cheio! Foi o fim! Um pequeno descaído e o suficiente para que Peter Ros ficasse K-O. Sem apêlo...

Estreia de Larzén

Vimos êste Larzén jogar futebol. E não nos impressionara. Agora, como «boxeur», agradou-nos um pouco mais. É um inexperiente com seu quê de habilidade; e, sobretudo, com imensa vontade! Mas não deve ir longe — porque a Federação proibiu-o de continuar a exercer a profissão até que uma junta médica se pronuncie sobre um defeito visual que o rapaz tem e talvez o impeça de «boxar». Se assim suceder, é pena; e é de lamentar, também, que só agora se tivesse descoberto isso...

Então para que servem os médicos da Federação?...

Jorge Larzén (64,900) defrontou o espanhol Isidro Perez (64,800) em oito «rounds», dirigidos pelo sr. José Araújo. Foram oito assaltos de mau «boxing», durante os quais o moçambicano (que se estreava em Lisboa) demonstrou poder de «punch» e muita «mocidade». Isidro é um «boxeur» fatigado — que dura porque é resistente e conhece bem o «ring». Nada mais... Claro que entre um e outro havia a diferença de idades! Ganhou o mais novo — naturalmente e como era de esperar.

JORGE MONTEIRO

À LAREIRA

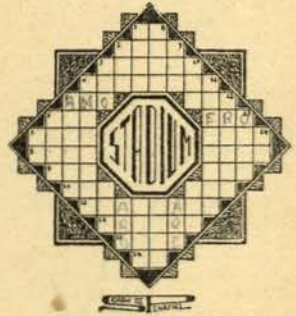
Todos os amigos de *Stadium*, entusiastas de tão instrutivo passatempo, podem colaborar em *A Lareira*, enviando-nos os seus problemas, sempre em duplicado (tapete de apresentação e tapete solucionado, ambos a tinta da China) que deverão ser elaborados, única e exclusivamente, pelos dicionários e mais livros que abaixo mencionamos.

Toda a correspondência referente à Secção deverá ser endereçada a *A Lareira* e remetida à Redacção da *Stadium*, Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º, ao Intendente. O prazo para a recepção de soluções é de 30 dias.

Os dicionários e outros livros adoptados em *A Lareira* são os seguintes:

Cândido de Figueiredo, 4.ª Ed., 2 vol.; Fonseca e Roquete, Língua Portuguesa e Sinónimos; Francisco Torrinha, última edição; Do Povo; Sinónimos e Mitologia; de Bandeira; Mitologia, de Compré.

PROBLEMA N.º 19



HORIZONTAIS

1 — Arrieira. 2 — Mulato. 3 — Cachorro. 4 — Buliçoso. 5 — Senhor; Pessoa astuta e ladra. 6 — Cá; Espécie de enguia. 7 — Colina; Estandarte. 8 — Espécie de borboleta diurna; Conjunto de aldeias, divisão dos reinos, em Timor. 9 — Firme; Grando. 10 — Até; Para a frente. 11 — Papão (fem.); 12 — Cobrira de lado. 13 — Princípio. 14 — Córro.

VERTICAIS

1 — Sentença; Nome do prato em geral, na Índia. 2 — Antiga medida de peso da Índia, correspondente a 4 quintais; Cavo. 3 — Numerosos; Naquele tempo. 4 — Papa-jantares. 5 — Envolvório. 6 — Desafôro. 7 — Nota musical. 8 — Burla; Divisão. 9 — Pronome pessoal; Medida de superfície. 10 — Planta oxalídea do Brasil; Galão. 11 — Insecto pipi-para, que vive nas aves. 12 — Levantada. 13 — Lugar escosno. 14 — Cont. de prep. e artigo.

gráfica

SANTELMO

artes gráficas

Rua de S. Bernardo, 84

TELEFONE 6 4 2 0 6

L I S B O A



**Olhar cansado,
trabalho mal executado**

Não usem lâmpadas de fraco poder luminoso; elas arruinam a vista. O trabalho executado à sua luz deficiente, é dificilmente perfeito. Empreguem lâmpadas de bom rendimento luminoso. Instalem



PHILIPS

Economisar electricidade, sim, mas em prejuizo da vista, não.



1. Com a protecção de Marques (encoberto) e Leonel, o "keeper" unidista defende a sôco, um romato de Gilberto. (foto Ismael)
 2. Uma defesa de Machado—no jogo Vitória-Leixões. (foto Magalhães)
 3. O primeiro "goal" do F. C. do Porto, marcado por Correia Dias. (foto Hermann)
 4. Passe do dança sobre a lama... ou os "mimos" dum olhanense a Correia Dias, com bola à vista! (foto Hermann)



O CAMPEONATO DE FUTEBOL DA ALA 2 DA "M. P."

Dois aspectos de um dos jogos disputados no domingo no campo do Liceu Pedro Nunes



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



1—O banquete comemorativo do 51.º aniversário do Club Naval de Lisboa
2 e 3—Na assembleia geral do Sporting, que reuniu centenas de sócios.
4—Aspecto da "Tarde Desportiva" no velho Ginásio Club Português.

O TORNEIO NACIONAL DE PROPAGANDA DO BILHAR:

5—Um encontro decisivo, na final do Torneio, entre os campeões dos distritos de Portalegre e Leiria.
6—Os meio-finalistas do Torneio: da esquerda para a direita, os representantes de Leiria, Aveiro, Setubal, Bragança, Portalegre e Faro.
7 e 8—Aspectos das visitas dos bilharistas à "Stadium" e ao nosso presado colega o "Século".



A OBRA SOCIAL das colectividades de desporto

(Conclusão da pág. 4)

O clube tinha características de ponto de reunião de alguns amigos do desporto. Eram apenas 16... Número insuficiente para «construir» um clubel Alvitrou-se «qualquer coisa» capaz de interessar os habitantes do bairro! Um ginásio? Sim! Era o ideal. E uma escola onde os filhos dos sócios pudessem ir buscar o pão do espírito?!

Howe quem desdenhasse! Loucura — diziam. Mas não; esses homens não eram loucos! E provaram-no.

A campanha começou; primeiro por intermédio de pediteiros; depois, com a organização de festas. Entretanto — criado o interesse — o modesto clubel do Rio Sêco instalava-se noutras dependências. Onde ainda hoje se encontra...

E um dia — a 1 de Maio de 1932, data de ouro na história da colectividade — inaugurava-se a escola primária.

Enfim — era o sonho feito realidade. Contentamento geral. Alegria nos corações dos trabalhadores obscuros de obra tão grandiosa.

E através de vicissitudes sem conta, mas vencidas sempre à custa de muito vontade — a escola do Rio Sêco tem seguido o seu curso! Já lá vão quês quês onze anos...

Quantas crianças fizeram ali a sua formação para a vida? Não importa... Sabe-se, contudo, que algumas dessas crianças têm já hoje um lar constituído...

Na dependência onde funciona a aula de primeiras letras — são três, as aulas! — lá está, na parede, como pendão de glória a indicar o caminho aos mais novos, uma fotografia em que se vêem duas meninas e um rapaz: são os primeiros alunos que fizeram exame! Hoje — um homem e duas senhoras. Já casados...

A escola é mantida exclusivamente pelo clube — mercê da criação de um fundo de receita especial — e destinada aos filhos dos sócios e suas famílias.

Há três aulas: duas na sede e outra, a das meninas — dirigida

pela professora D. Hortense Calado — na calçada da Boa Hora, a poucos minutos do clube. As que funcionam aqui são orientadas pela professora D. Vitória Sanchez Mæo Vieira — que acompanha a obra do Rio Sêco desde o princípio.

As escolas — acentue-se — são de ensino particular mas oficializadas pelo Ministério da Educação Nacional, tendo frequência normal de mais de uma centena de alunos.

A sua orientação está submetida a uma comissão escolar, na actualidade formada pelos srs. Artur Santos, presidente do clube e delegado da direcção, Arnaldo Barata de Almeida, José Coelho, António Mendes e José Loureiro.

Mais de duas centenas de crianças (rapazes e raparigas) aprenderam instrução primária na escola do Rio Sêco e prestaram provas finais com bom aproveitamento. E todos os anos — no dia 1 de Maio — são promovidas festas escolares e exposições de trabalhos dos alunos.

Nessa altura a alegria da petizada compensa os criadores e continuadores da ideia da sua acção benéfica e útil em prol da instrução. O dia é de contentamento geral e inesquecível na história da colectividade. Tem, afinal, de quê...

Anexo à escola há o recinto do recreio e o refeitório. Tudo bem cuidado — com higiene.

O Rio Sêco Sporting Clube tem orgulho legítimo na sua obra — a que um grupo de homens de boa vontade, à frente dos quais é justo citar os nomes dos srs. Alfredo Ferreira, António Dias Jorge e Arnaldo Barata de Almeida, num dia de inspiração decidiram dar corpo e vida — obra de aspecto social de vasto alcance, a provar utilidade das colectividades de desporto integradas na sua missão de desenvolver o gosto pelos exercícios físicos e ao mesmo tempo cuidarem do bem da comunidade.

JORGE MONTEIRO

A seguir: O Parque Infantil do Carneio Clube.

Torneio Nacional de Propaganda de Bilhar

STADIUM recebeu no último sábado a visita dos finalistas desta prova, interessante iniciativa da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, que teve a cooperação técnica da Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar e o alto patrocínio do nosso colega O Século.

Os campeões de Aveiro, Bragança, Beja, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Pôrto e Setúbal vieram à nossa redacção acompanhados dos srs. Vaz Ferreira, Eduardo Pombo e Artur Queiroz, da F. S. E. R., João Pereira, da A. P. A. B., Joaquim Pantoja, um dos árbitros do torneio, e do nosso camarada na Imprensa sr. Pires Guerreiro, um antigo praticante de desporto cuja actividade não pára e não cansa.

Foram os visitantes recebidos pelos srs. dr. Guilherme de Matos, director da Stadium, Amadeu Seabra e José Soares, respectivamente, proprietário e administrador da revista, e pelos nossos camaradas de redacção srs. Avelar Machado, Jorge Monteiro e Carlos Correia. Stadium preparou aos seus hóspedes uma recepção simples mas significativa, oferecendo-lhes um «Pôrto de Honra»: pretexto para troca de saudações, afirmações de fé nos destinos do desporto e reconhecimento pelo bom êxito do torneio.

Na altura dos brindes falaram os srs. Mariano Alves — pelos campeões distritais que tomaram parte na final — Pires Guerreiro, Artur Queiroz e Vaz Ferreira, que em nome da organização saudaram a nossa revista; bahuarte do desporto. Agradeceram-lhes os srs. dr. Guilhermino Matos e Avelar Machado, director e chefe de redacção da Stadium, os quais enalteceram o significado e o valor da triunfante iniciativa da F. S. E. R. e a prestimosa colaboração do brilhante matutino O Século na pessoa de Pires Guerreiro — intérprete fiel dos bons propósitos que sempre animaram o ilustre director daquele jornal, sr. João Pereira da Rosa.

Na fase final da competição tomaram parte doze concorrentes, que se classificaram pela ordem seguinte:

1.º ALVARO CARVALHO (Leiria); 2.º Bragança; 3.º Portalegre;

4.º Setúbal; 5.º Faro; 6.º Aveiro; 7.º Évora; 8.º Lisboa; 9.º Coimbra; 10.º Beja; 11.º Guarda; 12.º Pôrto.

Resultados finais: Bragança-Setúbal, 250/248; Setúbal-Aveiro, 250/91; Bragança-Aveiro, 250/177; Leiria-Faro, 250-228; Leiria-Portalegre, 250-199. Portalegre-Faro, 250/50 («récord» de carambolas numa tacada, 256). Final: Leiria-Bragança, 300/137.

O vencedor pertence ao Grupo Ursos Brancos e Marinhos, das Caldas da Rainha.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Temos recebido ultimamente de alguns dos nossos estimados assinantes reclamações sobre a demora que se verifica na recepção da nossa Revista.

Devemos esclarecer que os exemplares destinados aos assinantes e a todos os agentes da provincia, etc., são expedidos, em cada terça-feira, até às 20 horas. São, portanto, depositados nos Correios muito a tempo de chegarem às mãos dos destinatários com a devida oportunidade.

Infelizmente — sentimos verificá-lo — os serviços dos C. T. T. não correspondem aos nossos desejos. Do facto tratámos já junto de quem de direito, pois, além dos prejuízos que registamos e da contrariedade que os nossos leitores sofrem, não tem justificação alguma, por exemplo, que Stadium seja entregue, em certo caso, e em Lisboa, três dias depois...

Desejamos apresentar as nossas desculpas, como nos cumpre — embora, também desejamos sublinhá-lo, não nos caiba a culpa do trans-tórno que se verifica.

FEDERAÇÃO DE PATINAGEM

A Federação Portuguesa de Patinagem resolveu abrir imediatamente a inscrição para o Campeonato Nacional de Hockey em Patins.

Esta inscrição encerra-se no dia 8, na sede da Federação.

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DA «STADIUM»)

BOLETIM N.º 5

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
5.ª JORNADA

UNIDOS (do Barreiro) — VITÓRIA

LEIXÕES — SPORTING

UNIDOS — ACADÉMICA

BENFICA — F. C. PORTO

OLHANENSE — BELENENSES

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), imprimeiramente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

AFINAÇÕES

e reparações
em automó-
veis, motos,
motores,
tractores etc.

Reparações em aparelhos de T. S. F., acumuladores, magnetos, etc.

BOBINAGENS

de motores,
dinamos, al-
ternadores,
ventoinhas,
etc., grupos
electroge-
nos — elec-
tro bombas.



COMPRA E VENDA DE MOTORES, DINAMOS,
VENTOINHAS E TODO O MATERIAL ELÉCTRICO

ESCRITÓRIO: Avenida Almirante Reis, 37-1.º — LISBOA

A Federação Internacional de Atletismo acaba de homologar como «recórd» mundiais, os seguintes resultados:

1.000 metros — R. Hårbig, alemão, em 2 m., 21 s. e 5/10; 1.500, 2.000, 3.000 e 5.000 metros, Günther Hägg, sueco, respectivamente, em 3 m. 37 s. e 6/10, 5 m. 11 s. e 8/10, 8 m. 1 s. e 2/10 e 13 m. 58 s. 2/10; 20.000 metros, Csaplár, húngaro, em 1 h. 3 s. e 2/10; altura, Loster Sters, americano, com 2,11 metros; vara, Warmerdan, americano, com 4,72 metros; disco, A. Consolini, com 53,34 metros.

CICLISMO

A Federação Ciclista Alemã projecta, para este ano, a efectivação de seis encontros internacionais, na sua maioria destinados exclusivamente a amadores. Serão adversários dos alemães, sucessivamente: os italianos, os australianos, os holandeses, os dinamarqueses e, novamente, os italianos.

— O Comité Nacional da União Velocipédica Espanhola acaba de estabelecer a classificação dos corredores profissionais para 1943.

Na primeira categoria figuram: A. Sancho, J. Berrendero, F. Ezquerro e Dello Rodriguez; na segunda: D. Cháfer, A. Martín e F. Trueba; na terceira: C. Elis, J. Gimeno, Mancisidor, Murcia e Olmos.

Os nomes mais conhecidos dos ciclistas de quarta categoria são: M. Cañardo, Carretero, A. Miró e V. Miró.

FUTEBOL

A Federação Italiana de Futebol acaba de multar o Turim em 5.000 liras, em virtude dos seus jogadores e o público se ter portado menos correctamente no decorrer dum encontro, efectuado no seu campo, contra o Ambrosiana, de Milão, que os visitantes ganharam por 3-1.

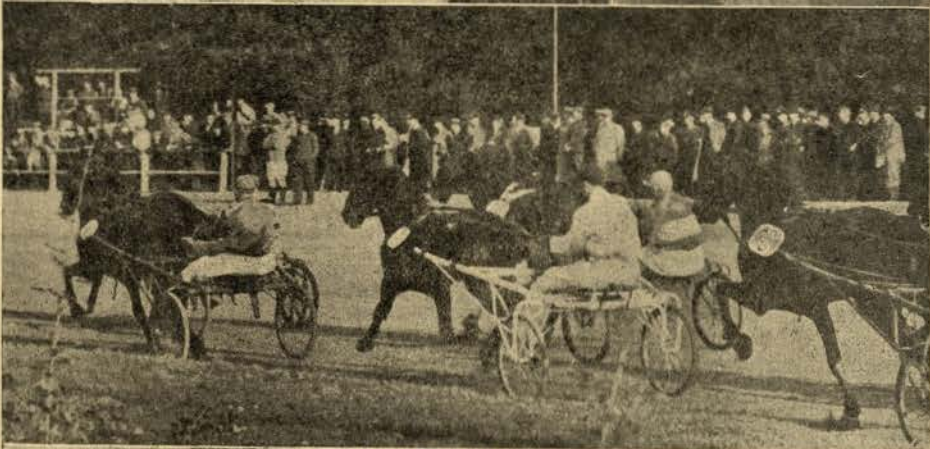
— 32 a 0!... Não tenham receio de que seja engano. Foi este, realmente, o resultado dum encontro disputado em Mundersbach, entre as equipas da Alemanha e do F. V. Engers e ganho pelo primeiro.

— Os encontros do último domingo, para o campeonato nacional de Espanha, tiveram os seguintes resultados: Bilbao-Aviacion, 5-2; Valencia-Corunha, 1-1; Oviedo-Espanhol, 3-1; Sevilla-Celta, 2-0; Barcelona-Saragoça, 4-1; Madrid-Bétis, 2-0; Granada-Castellon, 2-1.

— Resultados da 18.ª jornada do campeonato nacional de Itália: Vicenza-Florentia, 3-0; Milano-Roma, 4-1; Venezia-Genova, 4-1; Torino-Juventus, 2-0; Liguria-Livorno, 1-2; Lazio-Bari, 0-0; Atalanta-Ambrosiana, 2-5; Bologna-Triestina, 2-2.



Stadium atravessa as fronteiras



Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

Uma gentil alreadora americana; duas alunas da Escola de Educação Física de Orvielo atentas para o exercício do arco; no «Prémio de Mindem» (trotagem), em Berlim; um curioso exercício de equilíbrio dos cadetes norte-americanos.



SEIS CONTOS DE "MÃO BEIJADA"...

O PRIMEIRO PREMIO GRANDE DO CONCURSO DO "GOAL DA VITÓRIA" COUBE A UM ESTUDANTE DO LICEU CAMÕES — QUE *STADIUM* APRESENTA COM SEU AR FELIZ ENTRE VARIOS COMPANHEIROS QUE O FESTEJAM E PODEM VIR A SER FUTUROS CONTEMPLADOS...

(Foto Ismael)



Stadium